



**Oficina “Mapeando sentimentos com *Relief Maps*:
experiências interseccionais no espaço”: um relato de
experiência.¹**

PALOMO, Camila²
MARTINS, Thainá³

¹ O artigo foi resultado de projeto de ensino.

² Faculdade Sesi-SP de Educação - camila.palomo2@faculdadesesi.edu.br

³ Faculdade Sesi-SP de Educação - thaina.martins3@faculdadesesi.edu.br

RESUMO

A prática docente demanda estratégias pedagógicas que articulem saberes diversos e favoreçam a construção de uma educação crítica e inclusiva. Desse modo, compreende-se que a integração de conhecimentos deve ir além do campo tecnológico virtual, valorizando também as reflexões sobre as experiências sociais, emocionais e culturais que moldam as experiências cotidianas. Nesse sentido, a oficina “Mapeando sentimentos com *Relief Maps*: experiências interseccionais no espaço” aplicada no Marco de Inclusão e Diversidade na Faculdade Sesi de Educação, teve como objetivo promover aos alunos de graduação uma reflexão sobre vivências em diferentes espaços a partir da análise de sentimentos e emoções, permitindo que cada participante criasse seu próprio mapa de experiências. O recurso metodológico utilizado, o *Relief Maps*, desenvolvido pela geógrafa Maria Rodó-de-Zárate (2014), permite identificar como múltiplos marcadores sociais (gênero, raça/etnia, classe, orientação sexual, idade, entre outros) se atravessam e produzem diferentes perspectivas na relação dos sujeitos com os espaços cotidianos. A experiência da realização da oficina favorece a compreensão da interseccionalidade como ferramenta pedagógica, ampliando a consciência crítica de futuros professores. Com isso, a oficina contribui para repensar a ideia de cartografia escolar tradicional, baseada nas cartografias pessoais que possibilitam articular vivências e experiências próprias em representações do espaço. Essa proposta fortalece a capacidade dos professores em formação de atuar de forma sensível e crítica, reafirmando o papel da educação como espaço de transformação social, além de inspirar novas práticas que podem ser inseridas nas escolas.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Cartografias pessoais; Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A prática docente contemporânea demanda o desenvolvimento de estratégias pedagógicas capazes de integrar múltiplos saberes e contribuir para a construção de uma educação crítica, inclusiva e comprometida com o respeito à diversidade. Mais do que a simples adoção de recursos tecnológicos virtuais ou metodológicos, trata-se de compreender a importância de refletir sobre as dimensões sociais, emocionais e culturais que atravessam os processos educativos e moldam as experiências dos sujeitos.

Dessa forma, pensar a docência exige reconhecer que a ação de educar está atrelada profundamente com as histórias de vida, aos sentimentos e aos cotidianos individuais e coletivos que constroem o ambiente escolar, evidenciando que o ensinar precisa ser também um espaço de acolhimento, escuta, afeto e mudança social.

Nesse sentido, o reconhecimento das experiências e trajetórias pessoais e coletivas torna-se fundamental para a formação de futuros profissionais da educação, pois permite não apenas a compreensão de sua própria realidade, mas também das múltiplas realidades que constituem o espaço que os cercam. A docência disposta a ser uma prática reflexiva e imersa socialmente, exige que o docente seja capaz de ter um olhar crítico e sensível de si mesmo e do outro, de modo a reconhecer que os processos de ensino e aprendizagem são a todo instante atravessados por marcadores sociais.

Essa valorização a respeito das diferenças, vai contra o senso comum que as via como um obstáculo e passa a ser um elemento essencial para construir práticas de ensino sensíveis e interseccionais, capazes de acolher a diversidade de sujeitos e de experiências que estão presentes e compõe o ambiente escolar.

Com base nessa perspectiva, foi desenvolvida a oficina “Mapeando sentimentos com *Relief Maps*: experiências interseccionais no espaço”, realizada no evento Marco de Inclusão e Diversidade da Faculdade Sesi de Educação, um evento anual que incentiva o protagonismo estudantil e a socialização de saberes desenvolvidos e trabalhados durante seu processo de formação. A proposta da programação, teve como objetivo proporcionar aos alunos de graduação um espaço de reflexão sobre suas vivências e experiências cotidianas em diferentes contextos, explorando as próprias emoções e percepções, que estão associadas aos espaços da composição dos seus trajetos e que as algumas vezes passam despercebidas.

Por meio da metodologia dos *Relief Maps*, desenvolvida pela pesquisadora Maria Rodó-de-Zárate (2014), propôs-se que os participantes construíssem narrativas pessoais a partir de uma análise crítica de seus sentimentos e emoções, que surgem das interações com os lugares que compõem seu percurso. Essa reflexão buscou evidenciar como as percepções de mundo são moldadas quando os marcadores sociais atravessam e influenciam essas vivências espaciais, permitindo que cada participante elaborasse seu próprio mapa de experiências.

O primeiro contato que tivemos com essa prática, ocorreu durante um evento acadêmico organizado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), realizado no campus de Limeira (SP), no qual tiveram discussões a respeito das contribuições e dimensões da Geografia Humanista e as relações entre espaço e afetividade. A experiência enriquecedora que vivenciamos, despertou o interesse em adaptar a proposta ao contexto da Faculdade Sesi de Educação, trazendo um olhar mais voltado aos debates de gênero e interseccionalidade dentro de sala de aula. Assim a oficina se desenvolveu como um espaço de apresentação de novas estratégias pedagógicas aos alunos da graduação, estimulando nesses participantes uma maior compreensão sobre o papel do educador na construção de um ensino mais justo, diversificado e sensível, as realidades que compõem o ambiente escolar, considerando essa discussão teórica já apresentada.

DESENVOLVIMENTO E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A oficina foi organizada e aplicada durante o “Marco da Inclusão e Diversidade: Semana da Mulher”, um evento interno realizado na Faculdade SESI de Educação – SP, durante a semana do Dia Internacional da Mulher, em março de 2025. A programação do evento é composta por diversas atividades organizadas por estudantes e professores dos cursos de graduação, como: mesas redondas, oficinas, exposições e palestras, com o objetivo de fomentar reflexões sobre gênero e diversidade.

Entre as atividades da programação, a oficina “Mapeando sentimentos com *Relief Maps*: experiências interseccionais no espaço” foi realizada no primeiro dia de evento, entre os participantes presentes estavam alunos de todos os cursos da Faculdade SESI.

O recurso metodológico utilizado na oficina foi o *Relief Maps*, uma prática desenvolvida pela geógrafa Maria Rodó-de-Zárate (2014), que permite identificar como os marcadores sociais, por exemplo: gênero, raça/etnia, classe, orientação sexual, se atravessam e produzem diferentes perspectivas na relação dos sujeitos com os espaços cotidianos.

“Um *Relief Map* é simultaneamente uma proposta metodológica, uma forma de analisar dados sob uma perspectiva interseccional, uma maneira de exibir dados de forma visual e uma conceitualização da interseccionalidade em si. É uma imagem que mostra as diferentes experiências vividas que as pessoas têm em diferentes lugares, de acordo com diferentes estruturas de poder.” (tradução nossa) (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2013, p.27)

Durante a oficina, os participantes criaram seus próprios mapas de experiência, refletindo sobre suas experiências nos espaços que frequentam no cotidiano. Os *Relief Maps* – apresentam dois sentidos da palavra *relief*: o primeiro, distinção devido a ser acentuado; e o segundo, alívio, remoção de dor ou ansiedade – são definidos como uma forma de representação do espaço, classificando-os como lugares neutros, lugares de alívio, lugar controverso e lugar de opressão. Após esta classificação, cada participante realiza marcações de acordo com uma escala que vai de bem-estar a mal-estar. Dessa forma, como resultado, cria-se uma representação cheia de linhas com curvas, altos e baixos, de acordo com a maneira que cada pessoa o preenche.

A construção do *Relief Map* propõe uma análise de si, um momento de autoconhecimento e reflexão sobre as próprias vivências, que podem passar despercebidas durante o dia a dia, além disso, permite uma visão conectada das experiências entre diferentes espaços, além dos marcadores sociais que formam a identidade pessoal. A prática dos *Relief Maps* possibilita analisar esses marcadores de forma conjunta, não mais isoladamente. Nesse sentido, a experiência da realização da oficina favorece a compreensão da interseccionalidade como ferramenta pedagógica, considerando gênero, raça/etnia, orientação sexual, classe e idade de forma integrada, ampliando a consciência crítica de futuros professores e suas percepções de ensino de cartografia, visando práticas pedagógicas sensíveis.

“Utilizei o conceito de interseccionalidade para denotar as várias formas pelas quais raça e gênero interagem para moldar as múltiplas dimensões das experiências de emprego de mulheres negras. [...] Eu me baseio nessas observações aqui, explorando as várias formas em que raça e gênero se cruzam na formação dos aspectos estruturais, políticos e representacionais da violência contra mulheres de cor.” (tradução nossa) (CRENSHAW, 1991, p.1244)

Para favorecer a compreensão dos participantes da oficina sobre o processo de confecção dos mapas, utilizamos como referência a dissertação de mestrado da geógrafa Ana Carolina dos Santos Marques (2021). Nesse trabalho, a autora discute o processo de afirmação identitária de mulheres negras em suas espacialidades, na e por meio da cultura Hip Hop, que é vista como uma cultura da juventude negra, mas que também é majoritariamente composta por homens. Utilizando como metodologia o Relief Maps, a autora explora a interseccionalidade que atravessa essas mulheres.

“Ao debater a temática das jovens mulheres negras, é imprescindível considerar que as interseccionalidades condicionam suas vivências, tornando-as mais vulneráveis de acordo com os eixos de opressão considerados. O espaço geográfico é entendido de forma relacional, como esfera de possibilidades e da multiplicidade. Desse modo, de acordo com a posição das jovens mulheres negras e dos eixos interseccionais no espaço geográfico, as trajetórias das sujeitas são impactadas de uma forma específica, que varia também conforme as estruturas de poder e o contexto temporal.” (2021, p.18).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento da atividade durante a oficina buscava gerar um debate sobre a interseccionalidade e sobre como cada um dos indivíduos percebem os espaços de forma diversa, porque possuem identidades diferentes. Para que os participantes compreendessem melhor essa perspectiva de múltiplas percepções, utilizamos o exemplo de duas pessoas que realizam o mesmo trajeto em seu cotidiano: uma a pé e outra por meio do transporte público. Apesar de percorrerem o mesmo caminho, as experiências vividas por cada uma podem ser completamente distintas.

Além disso, o objetivo era apresentar aos alunos de graduação presentes a possibilidade de articular vivências e experiências próprias em representações do espaço, através das cartografias pessoais. Segundo De Paula,

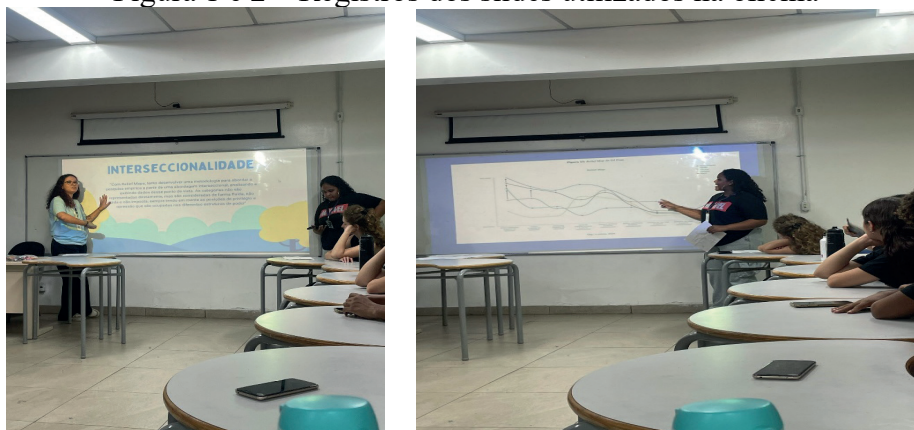
“A ideia das cartografias pessoais (DE PAULA, 2011) envolve a capacidade de qualquer pessoa cartografar elementos de seu espaço imediato a partir de suas experiências que trazem, além da morfologia urbana percebida (LYNCH, 2003; 2007), relacionar sua história de vida, trajetória migratória, mobilidade, gostos e costumes socioculturais.” (2012, p.25).

Portanto, compreende-se a oficina realizada e os Relief Maps como ferramentas potentes para sala de aula, através de um momento de formação dos futuros professores, buscamos incentivá-los a levar práticas mais sensíveis e humanista aos seus alunos, além de dialogar com a interdisciplinaridade, através do ensino da cartografia integrado com a interseccionalidade, elementos de Geografia e Sociologia.

RESULTADOS E ANÁLISE

A prática da oficina “Mapeando sentimentos com *Relief Maps*: experiências interseccionais no espaço” foi organizada em dois momentos para que os participantes compreendessem todo o processo, uma parte mais introdutória e a outra com a prática. A primeira etapa foi uma explicação teórica de alguns conceitos que seriam utilizados ao longo da atividade, como: cartografias pessoais e interseccionalidade, além da explicação do que são os *Relief Maps*.

Figura 1 e 2 – Registros dos slides utilizados na oficina



Fonte: Acervo pessoal, 2025

Após esse momento inicial, os participantes receberam uma tabela em que eles deveriam preencher, individualmente, quatro lugares de seu cotidiano, e descrever como eles se sentiam em cada um dos lugares de acordo com cada marcador social. Essa era a primeira etapa para a construção do *Relief Map*, já pensando em como iriam construir o mapa, os participantes foram orientados a preencher a tabela da maneira que quisessem, não era necessário seguir um formato específico para fazer essa descrição, alguns usaram escalas de 0 a 10 ou de 0 a 5, sendo o menor número uma indicação de bem-estar e o maior número representava mal-estar, ou vice-versa, e outras pessoas escreveram breves textos para descrever como se sentiam, sem atribuir números. Além disso, cada participante deveria adicionar mais alguma característica própria além das já estabelecidas (gênero, orientação sexual, idade, raça/etnia e classe social). Algumas das outras características que apareceram foram: cabelo, estilo, timidez.

Figura 3 – Tabela da 1ª etapa da construção do *Relief Map*

Etapa 1 - Como me sinto...						
Lugares	Como me sinto por causa do meu <u>gênero</u> :	Como me sinto por causa da minha <u>orientação sexual</u> :	Como me sinto por causa da minha <u>idade</u> :	Como me sinto por causa da minha <u>etnia ou raça</u> :	Como me sinto por causa da minha <u>classe</u> :	Como me sinto por causa da minha:

Fonte: Acervo pessoal, 2025

A segunda etapa tinha como objetivo que cada participante categorizasse os lugares escolhidos na tabela preenchida anteriormente. Nessa etapa, as categorias apresentadas são: lugar de alívio, que são aqueles lugares de completo conforto; lugar neutro, que não apresenta nenhum aspecto negativo, mas também nenhum aspecto positivo; lugar controverso, essa

categoria é utilizada em relação a lugares em que é possível sentir mal-estar e bem-estar em quantidade proporcional, é um lugar mais complexo e confuso de experienciar; e o lugar de opressão, nesse caso é um lugar desconfortável, violento de forma geral. Durante o processo de classificação desses lugares é possível repetir as categorias entre os quatro lugares elencados, ou seja, uma pessoa pode inserir em seu mapa mais de um lugar de opressão, por exemplo. Mas também pode acontecer de não existir nenhum lugar neutro, o mapa é completamente mutável, nenhuma categoria ou característica é fixa, então os participantes puderam moldar da forma com que mais se identificassem.

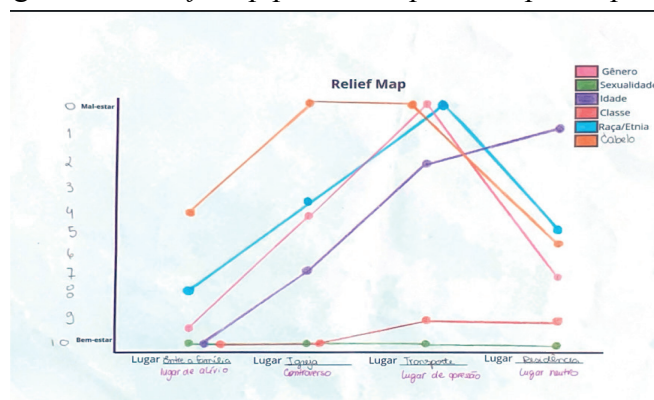
Figura 4 – Tabela da 2ª etapa da construção do *Relief Map*

Caracterizando os Lugares:	
	() Lugar de alívio () Lugar neutro () Lugar controverso () Lugar de opressão
	() Lugar de alívio () Lugar neutro () Lugar controverso () Lugar de opressão
	() Lugar de alívio () Lugar neutro () Lugar controverso () Lugar de opressão
	() Lugar de alívio () Lugar neutro () Lugar controverso () Lugar de opressão

Fonte: Acervo pessoal, 2025

Na terceira etapa da oficina, os participantes puderam produzir seus próprios mapas, utilizando a primeira etapa para marcar os pontos na escala entre bem-estar e mal-estar, e utilizando a segunda etapa para indicar o tipo de cada lugar escolhido. Os participantes usaram cores diferentes para marcar os pontos e linhas de cada marcador social. Depois da produção dos *Relief Maps*, iniciou-se uma roda de conversa em que cada um poderia apresentar seu mapa e contar um pouco sobre si a partir da maneira que se sentia em cada um daqueles lugares, alguns dos participantes estavam tímidos para se apresentar, mas mostraram seus mapas brevemente. A grande maioria dos participantes presentes participou da roda de conversa compartilhando um pouco sobre suas experiências. Nota-se a roda de conversa como um momento fundamental da oficina, a possibilidade de unir os mapas produzidos com as narrativas construídas por cada um se mostrou um momento crucial para compreender as experiências vividas e percebidas por cada pessoa, de acordo com sua própria identidade.

Figura 5 – *Relief Map* produzido por uma participante



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da oficina “Mapeando sentimentos com *Relief Maps*: experiências interseccionais no espaço” constituiu-se como uma experiência formativa importante, que relacionou teoria e prática a partir de uma percepção crítica, a respeito da afetividade e interseccionalidade presentes nos espaços do cotidiano individual e coletivo. A proposta possibilitou aos futuros professores refletirem criticamente sobre as próprias vivências, emoções e sentimentos, reconhecendo que o ambiente escolar e o processo de educação são atravessados por distintas realidades sociais, culturais e emocionais, que moldam a forma que cada aluno percebe e vivência o mundo.

Dessa forma, fortaleceu sua capacidade de atuar na educação de forma ética, crítica e inclusiva, reafirmando essa área como um espaço de transformação social e inspiração para construir novas práticas pedagógicas, que podem ser inseridas nas escolas e se fazem mais humanas, justas e integradoras, revelando o potencial do ambiente escolar de ser construído como um lugar de acolhimento, a partir das relações de cotidiano e sentimentos.

Ao fazer uso da metodologia *Relief Maps*, foi possível compreender de forma visual como os marcadores sociais (gênero, raça, classe, sexualidade, etnia...) atravessam e moldam essas vivências e experiências individuais e coletivas. Essa perspectiva de interseccionalidade contribuiu para que esses professores em formação desenvolvessem uma visão mais crítica e sensível a respeito das realidades, percebendo as desigualdades que emergem nos espaços que cada indivíduo ocupa e nas relações que eles estabelecem em cada um deles.

Ao promover esse diálogo entre afetividade e espaço, a proposta evidenciou que a formação docente não deve se limitar ao domínio de conteúdos teóricos, pois é necessário o desenvolvimento da empatia, da escuta e da capacidade de reconhecer e respeitar os indivíduos em sua complexidade. Assim, a oficina reafirmou a importância de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade, estimulando a construção de uma docência comprometida com a justiça social e o respeito às diferenças.

Portanto, o *Relief Maps* oferece caminhos para repensar o espaço escolar como território de pertencimento, reconhecimento e resistência, ou seja, um lugar onde ensinar e aprender também significam sentir, partilhar e construir coletivamente novos modos de existir no mundo. Com isso, o uso dessa metodologia reforçou essa ideia e mostrou, portanto, ser um instrumento potente para repensar o ensino a partir das vivências, permitindo que o processo educativo alcance esse local mais humano, inclusivo e transformador.

REFERÊNCIAS

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. *As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR)*. 2021. 229 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2021.

PAULA, Luiz Tiago. Cartografias pessoais e experiência urbana: um estudo sobre a imagem da cidade de Campinas. **Geograficidade**, v. 2, n. 2, p. 23-39, Inverno 2012. ISSN 2238-0205.

RODÓ-DE-ZÁRATE, M. Developing geographies of intersectionality with Relief Maps:

reflections from youth research in Manresa, Catalonia. **Gender, Place and Culture**, v. 21, n. 8, p. 925–944, 2013. DOI: 10.1080/0966369X.2013.817974.